



Resenha

A metapsicologia de Christopher Bollas Uma introdução

Autor: Sarah Nettleton

Editora: Escuta, 2019, 151 p.

Resenhado por: Luis Fernando Santos,¹
São Paulo

Bollas e a psicanálise da estética

“É raro o psicanalista sentir-se inclinado a investigações estéticas”, escreve Freud nas primeiras linhas de seu obscuro “O inquietante” (Freud, 1919/2010). Conhecesse ele a obra de Christopher Bollas, ficaria surpreso quanto às contribuições de se ater à forma por trás do conteúdo.

A extensa obra desse psicanalista americano radicado em Londres é coalhada de referências à arte, à literatura, à música. Para ele, a criatividade artística/estética em si é coincidente com o pensamento inconsciente (que forma o sonho).

Em *A metapsicologia de Christopher Bollas*, publicado pela Escuta, a autora Sarah Nettleton, psicanalista inglesa, ex-supervisionanda e editora dos livros mais recentes de Bollas, nos leva por um aprofundamento agudo e penetrante em sua obra. Não é uma leitura extensa e detalhada, mas uma digestão organizada do que é fundamental na experiência clínica e percepções bollasianas; o foco de Nettleton parece ser instrumentalizar o leitor na navegação por uma metapsicologia plural, que parte de Freud e deixa-se influenciar por Winnicott, Bion, Lacan, mas que também os perpassa e até os abandona em favor de uma atenção redobrada à estética do *self*. Na leitura de Nettleton, Bollas nos ensina que a estrutura tripartite (id, ego e superego) não permite pensar em todas as nossas negociações internas.

1 Psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae.

A autora destaca como fundante da obra o inconsciente receptivo bollasiano. Bollas escreve que, como se tivesse criado o telescópio, Freud ficou mais interessado nas descobertas que poderia fazer com seu novo dispositivo – a associação livre – do que no dispositivo em si. A associação livre é filha direta da interpretação do sonho e da investigação de como o inconsciente funciona. Bollas se concentra nessa parte da descoberta freudiana, dando destaque à inteligência inconsciente que perscruta o mundo em busca de objetos que possam ser usados como restos diurnos para a formação de comunicação através dos sonhos. O inconsciente receptivo convive ao lado do inconsciente recalçado, mas, inversamente a este e em mão dupla, age como uma força atrativa dos objetos do mundo com os quais a estética de cada sujeito pode se identificar. Profundamente alicerçado na clínica (seus livros são cheios de vinhetas), Bollas nos convoca a pensar, assim, as escolhas de objetos não apenas como identificações projetivas, mas também como identificações *perceptivas*, ou seja, a capacidade do *self* de ser afetado pelos objetos, não de um ego que projeta elementos internos nos objetos de fora.

Numa ampliação da aposta de Winnicott de que a mente tende à saúde, Bollas pensa nas *genera* como pares opostos aos traumas. Estes recolheriam no mundo objetos tanáticos para aumentar o núcleo traumático; as *genera* recolheriam, por sua vez, objetos invocativos ou conservativos (ambas expressões do autor, destrinchadas por Nettleton) que servem para que o *self* se desdobre, apareça no mundo interno e externo.

Na leitura de Nettleton, a aposta num *self* robusto é o que mais distingue Bollas de Winnicott. Enquanto este último ligava o *self* ao id, frágil e protegido pelo falso *self* adaptado, Bollas pensa no *self* ligado ao ego, mais poderoso e mais insistente que o *self* winnicottiano. O *self* é a sede do que Bollas chama idioma, a impressão digital única com a qual nascemos (*fingerprint*) e que quer se desdobrar, do berço ao túmulo.

Nettleton mostra em detalhes como, para o autor, esse “*design* único” de cada sujeito enlaça a libido e nos põe num engajamento criativo único com os objetos do mundo. Criativo e – de novo – estético. Para Bollas, a forma tem tanta ou mais importância do que o conteúdo. Para além do leite, o bebê, ao ser amamentado, sorve uma estética, uma processualidade; experiencia a mãe como um processo transformativo, não como um objeto. A decantação dessa processualidade (que une o idioma do bebê à recepção e transformação maternas) gera algo conhecido, mas que não pode ainda ser pensado. É o conhecido não pensado bollasiano, estrutura fundante do *self* e talvez da obra mesma de Bollas.

A processualidade da relação com a mãe é a base da emergência do *fingerprint*, do idioma pessoal, do *self* verdadeiro – desse ponto misterioso que nos constitui. “Para alcançar a confiança básica”, escreve Nettleton, “o bebê precisa sentir não só que seus impulsos instintivos são contidos, mas também que seu idioma, sua subjetividade única, é percebida, reconhecida e bem-vinda” (p. 41). Recepcionando e celebrando as produções idiomáticas do bebê, a mãe é percebida como um processo positivo de transformação do bebê, um *objeto transformacional*, outro conceito bollasiano de que nos lembra Nettleton. Adultos, procuramos no mundo outros objetos transformacionais, até mesmo no analista.

Sendo bem recepcionado nessa fase, o bebê terá uma percepção positiva de seu idioma, e seu *self* ganhará confiança; nasce aí sua comunicação inconsciente consigo mesmo, sua intuitividade e criatividade. A análise pode ser uma reedição desse processo transformacional.

Grande apreciador da arte, Bollas descolará de outros grandes autores no que tange à importância dos objetos no sentido literal, objetos físicos. Nettleton nos lembra de que, diferentemente de Melanie Klein, para quem os objetos eram primordialmente internos (p. 71), Bollas radicaliza a ideia de que as percepções do mundo objetual sejam fundamentais para a formação e funcionamento da mente. Partindo do conceito de idioma pessoal, que vasculha o mundo à procura de objetos com os quais possa se identificar e se engatar, Nettleton nos lembra como Bollas atribui importância aos objetos do mundo pela sua integridade e características intrínsecas. A inteligência vital do *self* busca objetos cuja *estrutura* lhe permita desdobramento (em vez de ser apenas passivamente atingido por restos diurnos).

Nettleton destaca como em *The evocative object world* (2009) Bollas conta como se deleita com visitas a supermercados e lojas de departamentos.

Cada seção da loja, cada parte de tal seção cada unidade do espaço visual, contém objetos evocativos. À medida que os vemos, seus *designs* suscitam relações dentro de nós. ... Quanto ao registro inconsciente de tais objetos, só podemos supor que, assim como uma loja agrupa objetos similares em certas unidades, nossa mente faz a mesma coisa, com a exceção notória de que adicionamos significado pessoal a todos e cada uma das coisas que vemos. (Bollas, 2009, p. 80)

Não por acaso a seleção de objetos é tão importante, haja vista a valorização dos objetos geracionais, das identificações perceptivas. Em Bollas tudo é plural (clínica plural, mente povoada, *self* infinito, indeterminado).

Nettleton nos ajuda a entender que, para Bollas, somos um compósito, uma *assemblage* de nós mesmos; vivemos o tempo todo com o inconsciente, único e idiomático, procurando no mundo objetos que já somos e não sabemos que somos. A intuição e a criatividade são para ele um processo intra e transpsíquico, que se dá o tempo todo, uma busca imparável do *self* em nos dizer o que tem a ver com nós mesmos, quem somos.

Com o livro de Nettleton podemos navegar melhor nessa belíssima – talvez o melhor elogio seria chamá-la “idiomática” – metapsicologia com vistas à estética de nós mesmos.

Após a leitura, é, para mim, impossível não me lembrar do artista brasileiro Tunga (2010), que uma vez disse que “a gente é uma manada da gente mesmo”. Recusando uma obra em fases, ou seja, falando sempre de uma e da mesma coisa por sua extensa carreira, Tunga descrevia da seguinte maneira seu processo criativo em sua oficina, que ele chama de espaço psicoativo:

Estou sempre tentando aprender, estar em torno do que eu evoco, do que faço vir. Acho que essa conjunção – estar presente frente a alguma coisa e trazer alguma coisa que não está para colocar junto é um processo de criação. Portanto, tudo o que está aqui pode vir a ser trabalho ou pode já ser o trabalho. Te conto uma história: essa pecinha que você está vendo aqui tem uns 9 anos. Ela esteve ao meu lado, desconfigurada, por mais ou menos uns quatro, cinco anos, sem eu perceber que ela era uma obra de arte. Era só um pedaço de âmbar com um pedaço de cristal transparente que estava colocado ali porque achei que tivesse alguma coisa em comum. Num certo dia olhei e falei: “Nossa, já está pronto o trabalho”. Há anos que estou convivendo, e o que estava procurando estava do meu lado. (Tunga, 2010)

Referências

- Bollas, C. (2009). *The evocative object world*. Routledge.
- Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, p. 328). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Tunga (2010). Entrevista a A. Maleronka. *Vice*, 4 nov. 2010. Recuperado em 20 dez. 2020, de: https://www.vice.com/pt_br/article/8q4av5/tunga-v2n10.

Luis Fernando Santos
luisfs@gmail.com

Recebido em: 30/5/2020

Aceito em: 20/10/2020